

"A censura de prateleira acabou"

ALESANDRE RIBONDI
Editoria de Cultura

Para que o Conselho Superior de Censura possa entrar de maneira definitiva nos novos tempos pretendidos pelo ministro Paulo Brossard, da Justiça, foi empossado, ontem, na presidência, o jornalista e professor Flávio de Almeida Salles Junior, que chega com o vigor costumeiro aos que ocupam novos cargos, e com a bagagem cheia de sugestões.

Na verdade, o ministro Paulo Brossard deixou claro, em seu discurso improvisado, que o Conselho deve, de uma vez por todas, servir aos seus propósitos, que são o de ser um órgão deliberativo a quem recorrem os criadores de cultura quando se vêem impedidos pela Divisão de Censura da Polícia Federal. Com isto, o ministro fez uma referência, velada mas direta, ao período em que o País esteve nas mãos do General João Baptista Figueiredo, quando o Conselho servia mais para confirmar a censura do que para liberar os entraves. Quanto a isto, completou o novo Presidente do Conselho: "Minha primeira atitude (na reunião que teve às 14 horas de ontem com os 15 conselheiros) será rever os quase 50 processos que foram arquivados". Há nesta decisão outra referência e, desta vez, ao antigo Presidente, Galba Magalhães Velloso, que tinha por hábito arquivar processos ou fazê-los percorrer longos caminhos burocráticos antes de ser dado um parecer. Dentro do próprio Ministério da Justiça, a prática já era conhecida como "censura de prateleira".

A segunda iniciativa do novo Conselho será a criação de um regimento interno, que nunca houve. Assim, os Conselheiros sempre se reuniram sem uma diretriz básica. Se o ministro Paulo Brossard disse, em seu discurso, que "fala-se muito pouco do Conselho Superior de

Censura e isto é sinal de que as coisas andam razoavelmente bem", em vista desta ausência de regimento denunciada pelo próprio Flávio de Almeida Salles Junior interpretação inversa pode ser feita: nunca foi comentado porque sempre existiu de maneira frágil.

Finalmente, será pedido ao Conselho que faça uma meditação sobre suas funções e que saiba o que sugerir aos Congressistas para a formulação definitiva da Constituição brasileira.

PULGAS

"O Conselho é um órgão de recursos", definiu o novo Presidente. Se ainda não é, poderá vir a ser. Pelo menos Flávio de Almeida Salles Junior tentará dar este caráter ao órgão que passa a presidir. Jornalista, com passagens pela TV Globo, Folha de S. Paulo e TVE, professor (leciona no Departamento de Direito do Ceub), ele também conhece bem os corretores do governo. Aos 45 anos, "taurino bem típico, segundo os experts", já foi adjunto da Subchefia Parlamentar da Presidência da República, consultor da República e Chefe de Gabinete de Paulo Brossard. Tanto que o próprio ministro, ao recebê-lo de braços francamente abertos, anunciou: "Flávio não retorna a nós, ele continua".

E vai continuar com certas pulgas atrás da orelha. Por exemplo, ele concorda que o nome Conselho Superior de Censura é contraditório, já que batiza um órgão que quer ser defensor da liberdade de expressão. "Há uma incompatibilidade intrínseca entre o nome e o propósito", avisou. E pensa, neste sentido, mudar o nome do Conselho, mas ainda não sabe qual será o escolhido. Mesmo assim, de maneira recatada, o presidente explica que não conhece nenhuma sociedade sem censura. Pretende também que o Conselho represente a sociedade brasileira. Será uma tarefa árdua.

MILA PETRILLO



Flávio Salles, novo presidente do CSC: "Não conheço nenhuma sociedade sem censura"

"Livre pensar é só pensar"

Se o novo Presidente do Conselho Superior de Censura, o professor e jornalista Flávio de Almeida Salles Junior, pretende que o órgão passe a ser, de uma vez por todas, um representante em defesa da liberdade de expressão do pensamento, surgem aí as primeiras incompatibilidades. De fato, se existe um Conselho para dar as regras da liberdade de pensamento, não há mais a liberdade de pensar. Ou então, em uma situação asfixiante, o pensador pode praticar o seu ofício, mas dentro das regras deliberadas por instâncias superiores. Se, conforme as pa-

lavras do nosso Presidente, nunca houve uma sociedade sem censura, isto não significa, de forma alguma, que estas sociedades tenham sido boas ou justas. Pelo contrário, as lástimas da humanidade, ao longo de seu percurso, estão registradas na História — e isto não se pode negar.

Portanto o pensamento não deveria prestar contas a regras. Quem explicou isto, de maneira correta, foi o filósofo brasileiro Millôr Fernandes em sua frase definitiva: "Livre pensar é só pensar". (A.R.)

ave
P23

Handwritten signature or initials.